

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LIMA BARRETO

Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG/CNPq)¹

Em “A dor e a injustiça”, texto escrito à guisa de apresentação ao livro *Razões públicas, emoções privadas*, de Jurandir Freire Costa², Renato Janine Ribeiro fala de dois traumas fundacionais da sociedade brasileira: a colonização e a escravatura. A condição colonial, diz o filósofo, legou ao Brasil a herança da criação tardia de universidades, uma concepção econômica de esgotamento das nossas riquezas naturais, com uma feição nitidamente predatória, uma visão patrimonialista da sociedade. A escravatura potencializou tal feição colonial, estruturando as relações de trabalho sob o signo da destituição e do esgotamento do negro africano. Conclui Janine Ribeiro: “Ora, nosso problema não é apenas que cenas primitivas como estas se tenham produzido, e reiterado, ao longo de nossa história; é que elas nunca tenham sido realmente elaboradas e extirpadas de nosso caráter. Daí que se repitam, compulsivamente, ainda hoje”.³ Como é

¹ Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo. Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Sorbonne Nouvelle – Paris III e pela Universidade Federal Fluminense. Professora Titular de Teoria da Literatura pela UFMG. E-mail: mariazildacury@gmail.com.

² COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

³ RIBEIRO, Renato Janine. *A dor e a injustiça*. In: COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas*,

próprio, pois, à estrutura do trauma, os eventos sociais marcantes (violentos) não elaborados pela sociedade em que ocorreram, reconfiguram-se em diferentes épocas, perpetuando a violência das situações traumáticas originais.

As reflexões de Janine, rapidamente rascunhadas, instigam considerações sobre o papel desempenhado pela literatura, pela arte em geral, como espaço privilegiado de encenação dos traumas sociais que fantasmática e recorrentemente assombram a sociedade brasileira ao longo da história, até a contemporaneidade.

A exposição das feridas, ainda abertas, causadas por esses traumas tem lugar na escrita engajada de Lima Barreto.

Por isso a importância do estudo da obra de Lima Barreto, nos dias de hoje, sobretudo com a proposta de trazê-lo para a situação do ensino da literatura como faz o livro “LIMA BARRETO na sala de aula”. O que o escritor teria a dizer sobre o Brasil de nossos dias, sobretudo aos jovens que ainda ocupam os bancos escolares e frequentam as salas de nossas universidades?

A importância de Lima Barreto se impõe dada a atualidade de sua crítica tão vigorosa, sem concessões e claramente posicionada ao lado dos subalternizados sociais, contrária aos poderes instituídos e denunciadora da discriminação sistemática, porque estrutural, aos afrodescendentes e aos pobres no espaço pretensamente cidadão da Primeira República no Brasil. Pobre, mestiço, também ele morador do subúrbio carioca, sentiu na pele a discriminação e o preconceito racial, denunciando-o em romances e nos virulentos artigos que escrevia para a imprensa alternativa. Talvez o primeiro escritor brasileiro a denunciar sem meias palavras o racismo arraigado na sociedade brasileira, fez de sua obra um libelo militante contra a exclusão social de que são vítimas, até hoje, largas parcelas da população de ascendência negra. O Brasil, historicamente, teve postura permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente. Contra ele, então, manifesta-se Lima Barreto também propondo medidas que reconheçam na educação um princípio ativo da transformação da cultura de um povo. Veja-se, nesse particular, como convocar os textos do escritor para a sala de aula adquire importância particular. Veja-se a esse respeito a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras na Educação Básica, como tema transversal, com o objetivo claramente enunciado de assegurar política de reparação, de reconhecimento e de valorização da diversidade cultural do Brasil. Para essa política de reconhecimento, os sistemas e as entidades deverão criar condições para que professores possam se qualificar para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o estudo de

emoções privadas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 11.

História e Cultura Afro-Brasileiras e de História e Cultura Africanas. A inclusão da obra do escritor para estudo, então, é mais do que bem-vinda, é a expressão de que a literatura, muitas vezes, significa um avanço nas conquistas sociais.

Lima Barreto tomou como personagens principais de seus romances, contos e crônicas os tipos suburbanos da cidade do Rio de Janeiro, capital da nascente República brasileira. Toda aquela “arraia miúda”, para fazer uso da expressão de Alfredo Bosi para falar dos personagens barretianos, que vivia marginalizada da capital recém-reformada e que não foi beneficiada com a modernização urbana. Na série literária brasileira, é marco retomado por um escritor como João Antônio, mas também influente na chamada literatura marginal de um Ferréz ou de um Geovani Martins de nossos dias.

Em seus escritos, manifestou-se e tomou posição sobre os mais diferentes assuntos, de modo apaixonado: política, ensino, moda, literatura, esportes. Crítico obstinado e corajoso dos poderosos, fez da denúncia ao patrimonialismo, mal que corrompe até os dias de hoje nossa classe política, e às arbitrariedades das políticas governamentais um móvel relevante da sua palavra de ficcionista e intelectual. Fez críticas acerbas ao funcionalismo público que, já à época, isto é, nas duas primeiras décadas dos anos 1900, apresentava-se inchado, alimentado pelo apadrinhamento político, pelas relações de parentesco tão pouco republicanas. Defensor dos interesses das classes populares, reclamava também do custo de vida, da burocracia estatal que afastava os mais humildes dos empregos e do acesso aos direitos que, por dever, cabia ao estado facultar a todos.

Em sua obra ficcional assumiu conscientemente uma estética popular, digamos assim, com uma linguagem que se contrapunha àquela da literatura da época, de feição mais erudita. Posiciona-se contra o bacharelismo, avaliando-o como um mal da sociedade brasileira, que valorizava o título de doutor, muitas vezes em detrimento do saber fundamentado de pessoas humildes que, por sua condição, não tiveram acesso ao ensino formal. Denuncia, pois, o sistema educacional brasileiro como aparelho ideológico poderoso de consolidação e difusão dos ideais burgueses contra os quais se insurge. Por isso reivindicava uma democratização maior do ensino, para que o acesso das camadas populares fosse facultado, estimulado.

Um dos posicionamentos mais contundentes assumidos pelo escritor foi a crítica à ideia de pátria, ao nacionalismo exagerado e de fachada que tanto marcou a cultura brasileira em geral, e a literatura de modo particular. Defensor confesso das ideias anarquistas, vê a noção de pátria vigente à época como sustentáculo ideológico da classe no poder, contrapondo a ela o que chama de

patriotismo espiritual, aquele que busca conhecer as coisas da terra e a alma de sua população, na defesa das manifestações culturais brasileiras de extração popular. Ao nacionalismo retórico, livresco contrapõe um ideal de pátria ancorado na realidade do país, com uma feição que efetivamente atendesse aos anseios da população. Também, em virtude desse posicionamento ideológico, defende o seguimento operário, insurge-se contra a extradição de estrangeiros anarquistas, denuncia as precárias condições de trabalho nas fábricas e oficinas.

Por estas breves considerações, avalie-se a importância da escrita atualíssima de Lima Barreto e, em decorrência, a de um livro que tem como proposta a reflexão sobre a obra do escritor na sala de aula. À atual geração de estudantes, de todos os níveis, cumpre apresentar este escritor cuja palavra se insurgiu contra situações presentes, até hoje, na sociedade brasileira, tão pouco democrática, tão excludente e discriminatória.